

A black and white photograph of a rocky landscape. In the foreground, there are large, dark, rounded boulders. The background shows a vast, open landscape with a horizon line under a sky filled with large, bright, fluffy clouds. The overall tone is dramatic and naturalistic.

Maria da Assunção Anes Morais (org.)

Homenagem
a Miguel Torga
nos 25 anos da sua morte

FRAGAS

Prefácio Professor Adriano Moreira

*Alecrim
e Alfazema*

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	14
<i>Adriano Moreira</i>	
INTRODUÇÃO.....	20
<i>Maria da Assunção Anes Morais</i>	
IDENTIDADE EM DOIS CONTOS DE MIGUEL TORGA	28
<i>A. M. Pires Cabral</i>	
TORGA CONSTRUTOR DE PAISAGENS E EMOÇÕES. UMA ANTROPOLOGIA ESPACIAL	38
<i>Álvaro Campelo</i>	
POÉTICA DA INFÂNCIA EM TORGA	50
<i>Ana Luísa Vilela</i>	
ÉVORA: A DESEJADA POR TORGA.....	60
<i>Ana Paula Martins Liberato Ferrão</i>	
TORGA, O PRÉMIO CAMÕES E A IMPRENSA.....	66
<i>Ana Ribeiro</i>	
APONTAMENTOS ETIMOLÓGICOS EM TORNO DE TORGA E URZE, MIGUEL TORGA E SÁ DE MIRANDA.....	76
<i>Anabela Leal de Barros</i>	

MIGUEL TORGA, <i>PERFIL</i> DESENHADO NO MAR.....	88
<i>Annabela Rita</i>	
INTERTEXTUALIDADE HOMO-AUTORAL EM MIGUEL TORGA: REFLEXOS EM ALGUNS CONTOS	96
<i>António Bárbolo Alves</i>	
MIGUEL TORGA E EU	106
<i>António Francisco Caseiro Marques</i>	
ABALO DEMOGRÁFICO DO INTERIOR NORTE.....	112
<i>António Jorge Nunes</i>	
A MOTIVAÇÃO DO “AR LIVRE” SOB O SIGNO DE UMA PANDEMIA (PRELÚDIO)	122
<i>António José Borges</i>	
UM DISCÍPULO DE TORGA	126
<i>António Leite da Costa</i>	
A INTERVENÇÃO CÍVICA NA POESIA DE MIGUEL TORGA.....	138
<i>António Manuel de Andrade Moniz</i>	
ARGANIL, COJA E FAJÃO – LUGARES DE DEVOÇÃO E DE PEREGRINAÇÃO.	144
<i>António Oliveira</i>	
MIGUEL TORGA – O FILHO DA TERRA, IRMÃO DO HOMEM	156
<i>António Sousa</i>	
O BRASIL DE MIGUEL TORGA.....	162
<i>Arnaldo Saraiva</i>	
UM FAROL EM CADA MARGEM.....	170
<i>Pe. Artur Mergulhão</i>	
A DIARÍSTICA TORGUIANA E A COERÊNCIA IDEOLÓGICA	182
<i>Barroso da Fonte</i>	
O CONTRABANDISTA MIGUEL TORGA	192
<i>Bernardino Henriques</i>	
REGRESSOS	202
<i>Carlos Alberto Ferreira Afonso</i>	
CUMPRIR-SE COMO HOMEM: HOMENAGEM À DIGNIDADE TORGUIANA .	208
<i>Carlos Fernandes Maia</i>	

TESTEMUNHO E REVISITAÇÃO	218
<i>Carlos Mendes de Sousa</i>	
COMO TORGA ENTROU NA MINHA VIDA.....	226
<i>Carlos Vieira Reis</i>	
A LIÇÃO DE BAMBO	232
<i>Clara Rocha</i>	
A POÉTICA TORGUIANA COMO CONSUBSTANCIAÇÃO NARCÍSICO- CRÍSTICA	242
<i>Cláudia Capela</i>	
MIGUEL TORGA E AS “GRANDES ALTURAS QUE CHAMAM DEMAIS POR NÓS”.....	250
<i>Dionísio Vila Maior</i>	
DIÁLOGOS POÉTICOS ENTRE MIGUEL TORGA, MANUEL DA FONSECA E GARCÍA LORCA	262
<i>Dora Nunes Gago</i>	
A VISÃO VITALISTA DE TORGA NA “TRILOGIA” <i>A CRIAÇÃO DO MUNDO</i> , <i>DIÁRIO E PORTUGAL</i>	272
<i>Eduardo Coelho</i>	
UM CONTISTA EXEMPLAR.....	280
<i>Ernesto Rodrigues</i>	
MIGUEL TORGA E A BÍBLIA: O CASO DE <i>O OUTRO LIVRO DE JOB</i>	288
<i>Fernando J. B. Martinho</i>	
COM UM CÁLICE DE <i>TORGA</i>	298
<i>Gaspar Martins Pereira</i>	
COM MIGUEL TORGA, PELA MEMÓRIA, LIVRE DE MARGENS.....	308
<i>Henrique Manuel Pereira</i>	
ARTES E OFÍCIOS TRADICIONAIS NA OBRA DE MIGUEL TORGA.	320
<i>Henrique Morgado</i>	
LÍRIOS, ROSAS E TOJOS – O ALFABETO ÍNTIMO DAS COISAS EM MIGUEL TORGA E EUGÉNIO DE ANDRADE.....	326
<i>Isabel Cristina Rodrigues</i>	
TRADUÇÃO INGLESA DE <i>BICHOS</i> DE MIGUEL TORGA: <i>FARRUSCO THE BLACKBIRD AND OTHER STORIES</i>	336

PELAS FRAGAS COM MIGUEL TORGA	342
<i>Isabel Ponce de Leão</i>	
RECORDAR É... VIVER	352
<i>Isaura Sousa</i>	
MIGUEL TORGA COMO ESCRITOR JORRADO DAS FRAGAS TRANSMONTANAS.....	360
<i>Pe. José Amílcar Cardoso Sequeira</i>	
RELEITURA DO IMAGINÁRIO TRÁGICO-MARÍTIMO NOS <i>POEMAS</i> IBÉRICOS DE MIGUEL TORGA.....	366
<i>José Cândido de Oliveira Martins</i>	
TORGA E RÉGIO – «UMA INTIMIDADE PROFUNDA»	376
<i>José Cymbron</i>	
ENTRE JOB E CAIM – O PERCURSO ADÂMICO DE TORGA	386
<i>José Luís Carvalhido da Ponte</i>	
CORAÇÃO HUMANO: FRAGA DURA ONDE CRESCE TERNURA	394
<i>D. José Manuel Cordeiro</i>	
CAMINHANDO COM MIGUEL TORGA.....	404
<i>José Pereira dos Santos</i>	
MIGUEL TORGA EM LEIRIA.....	414
<i>Laura Maria Esperança</i>	
TORGA OU A GENUINIDADE DO SER.....	422
<i>Levi Guerra</i>	
O PORTUGAL NUCLEAR DE MIGUEL TORGA.....	430
<i>Luís Fernandes</i>	
DE EDUARDO LOURENÇO AO DESESPERO HUMANISTA DE MIGUEL TORGA	440
<i>Luís Machado de Abreu</i>	
TORGA: O ANDARILHO ABRANDA O RITMO (SOBRE O <i>DIÁRIO XVI</i>)...	446
<i>M. Hercília Agarez</i>	
A DIMENSÃO REGIONALISTA DO PENSAMENTO DE MIGUEL TORGA...	454
<i>Manuel Barros</i>	
A TRADIÇÃO “MATANÇA DO PORCO” NO <i>DIÁRIO</i> DE MIGUEL TORGA..	462
<i>Maria da Assunção Anes Morais</i>	

O ALTERÓNIMO MIGUEL TORGA E O MEIO AMBIENTE	476
<i>Maria da Assunção Morais Monteiro</i>	
A CRIAÇÃO POÉTICA EM TEXTOS METAPOÉTICOS DA <i>ANTOLOGIA</i> POÉTICA DE MIGUEL TORGA	488
<i>Maria do Carmo Azeredo Lopes</i>	
CONSONÂNCIAS ÉTICAS: MIGUEL TORGA E ALVARO CUNQUEIRO...	500
<i>Maria do Carmo Cardoso Mendes</i>	
SOMOS TRANSMONTANOS, TORGA E EU!.....	512
<i>Maria Gorete Barroso Afonso</i>	
A VIDA E A MORTE NO CONTO “NERO” DE MIGUEL TORGA	518
<i>Maria Luísa de Castro Soares</i>	
ARTE E TESTEMUNHO: A REFERÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA EM MIGUEL TORGA	530
<i>Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva</i>	
A VISÃO DE PORTUGAL E DA IBÉRIA EM MIGUEL TORGA.....	542
<i>Maria Natália de Sousa Pinheiro Amarante</i>	
A IMPORTÂNCIA DE SE CHAMAR HORTÊNSIA.....	554
<i>Nassalete Miranda</i>	
AMANHÃ COMEÇA UM DIA QUE NUNCA EXISTIU	560
<i>Pedro Vaz</i>	
UMA JORNADA COM TORGA.....	568
<i>Pe. Ricardo Jorge Martins Pinto</i>	
BOTICAS PRESENTE NA OBRA DE MIGUEL TORGA.....	574
<i>Ricardo Mota</i>	
DA POESIA DE MIGUEL TORGA: CONDIÇÃO, PROFISSÃO E IDENTIDADE .	584
<i>Sara Reis da Silva</i>	
TRAVES MESTRAS DO EDIFÍCIO TORGUIANO.....	592
<i>Teresa Rita Lopes</i>	
O SENTIDO DA LIBERDADE FACE AO PODER DAS FORÇAS DA LEI NOS CONTOS DE MIGUEL TORGA.....	602
<i>Vitor José Gomes Lousada</i>	
ÍNDICE DE AUTORES	612

MIGUEL TORGA E AS “GRANDES ALTURAS QUE CHAMAM DEMAIS POR NÓS”

DIONÍSIO VILA MAIOR

1. Chamava-se Adolfo Correia da Rocha. Nasceu a 12 de Agosto de 1907, em S. Martinho de Anta. Nasceu nessa sua preferida Agarez, terra onde germinou, qual torga, qual urze de robusta e pujante raiz; nasce de uma terra de onde nunca verdadeiramente saiu, e de que se imbuí visceralmente, como confessa no seu *Diário XV*, em 17 de setembro de 1987, em S. Martinho de Anta:

Desta terra sou feito.
Fragas são os meus ossos,
Húmus a minha carne (TORGA, M., 1999d: 442).

Adolfo Correia da Rocha descende de lavradores, leais mandatários do esforço, coragem e valimento moral. Em seu Pai, encontra a «omnipresença moral»; em sua Mãe, «a eterna mulher entre as mulheres» (TORGA, M., 1999a: 325 [*Diário IV*]).

Adolfo Correia da Rocha iria receber os ensinamentos do professor Botelho; mais tarde, seria aluno aplicado no Seminário de Lamego. Não quis ser padre. Foi enviado para o Brasil. Aí, em Minas Gerais, durante seis anos, trabalha duramente numa fazenda de café de um Tio. Por esse tempo, começa a escrever.

Regressará depois a Portugal e seguirá mais tarde para Coimbra, continuando o seu percurso de aluno cuidadoso e leitor das coisas e do mundo. Estuda medicina. Frequenta tertúlias literárias. Colabora em revistas

literárias. Lê Dostoiewsky, Joyce, Proust, Jorge Amado (que um dia se referiria a Torga como o “nosso Mestre”).

2. Pouco a pouco, floresce em Adolfo Rocha o desejo de «reviver a lírica palpitante e viril de Camões» (TORGA, M., 2000a: 144).

Em 1928, começa a editar poemas e contos. Contudo, é em 1934 que a voz literária de Adolfo Correia da Rocha muda: nesse ano, *A Terceira Voz* testemunha pela primeira vez o registo alteronímico de Adolfo Rocha, com a criação da voz outra Miguel Torga como autor; assina o prefácio, sim, como Adolfo Rocha, mas justifica a criação do seu “irmão”: «[...] a minha voz mudou – porque o horizonte é maior...» (TORGA, M., 1934: 6). Surge, então, o pseudónimo lustrado pelo sentido imenso da *torga*, planta bravia e humilde, e pelo fulgor literário de nomes ibéricos, como Miguel de Unamuno e Miguel de Cervantes.

Será premiado em Portugal, Bélgica, Alemanha e França.

Será traduzido em Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Bulgária, Finlândia, China, Japão, Suécia, Noruega, Rússia, Polónia, Roménia, Lituânia...

Será preso pela Polícia do Regime.

Será impedido de sair do seu país, tendo os seus livros sido apreendidos, confiscados, intercetados pela Polícia do Antigo Regime... sim, esses livros onde Torga diz que “não pode ter” «outro partido senão o da Liberdade» (TORGA, M., 1999c: 292 [*Diário XII*])... sim, esses livros onde, cerca de três meses após a Revolução, faria (significativamente) questão de sublinhar que o «pacto» que assinara fora, apenas, com «a terra portuguesa e a língua portuguesa», continuando a sentir o «mapa de Portugal» como o seu «espaço de liberdade» (TORGA, M., 1999c: 302 [*Diário XII*]).

3. Torga vai arvorando o seu canto de diarista, contista, romancista, cronista, dramaturgo, ensaísta, poeta – «Tu ranges nestes ferros e palpitas/ Dentro de mim, Poesia!», assegura o sujeito poético no poema “À Poesia” (TORGA, M., 1977: 9), que integra as *Odes*, o mesmo sujeito poético, contudo, que, na ode “A Orfeu”, reconhece a imperecível insatisfação:

Das tuas mãos divinas de Poeta
Herdei a lira que não sei tanger;
Por eleição ou maldição secreta,
Tenho uma grade para me prender (id.: 7).

Do canto desse «português hispânico» (como vitalmente se qualifica no prólogo à edição castelhana de *A Criação do Mundo*) – respirando, sempre, «montanhês por devoção» (TORGA, M., 1999b: 250 [*Diário VIII*]), o «ar peninsular» (TORGA, M., 1999d: 184 [*Diário XIV*]) e a «intimidade lúdica com a natureza» (TORGA, M., 2000a: 382) – germinam mais de cinquenta obras.

Escreve poesia: *O Outro Livro de Job*, com impacto imediato; revela a resistência e o panfletarismo no *Cântico do Homem*, bem como o inconformismo «subversivo» de um contínuo “insatisfeito” em *Orfeu Rebelde* (TORGA, M., 1992: 7). Escreve, muitas vezes, em desunião consciente com o seu tempo, um *Diário*, laborioso, em dezasseis volumes («notável documento de uma época e de uma geração, aos níveis literário, político, social, cultural...» [LEÃO, I. P., 2005: 16]), onde, durante cerca de 60 anos, vai revelando, em hibridismo literário (rubricado pelo registo autobiográfico, pelo poema, pelo texto de teor ensaístico, pelo conto, por pormenores quotidianos para si mais significativos...), as diversas etapas por que passa, descobrindo «pedaços» de si (TORGA, M., 1999b: 248) [*Diário VII*], numa busca permanente da sua própria unidade. E é por esses textos – que considera «não uma crónica dos [...] [seus] dias, mas a parábola deles» (TORGA, M., 1999c: 222 [*Diário XI*]) – que assume a sua própria condição de humano imperfeito e acaba por confessar a insuficiência da escrita: «As palavras estão gastas e já foi tudo dito», reconhecerá em 7 de março de 1992, no seu último *Diário* (TORGA, M., 1999d: 339 [*Diário XVI*]).

Escreve contos – contos das montanhas para nos «regalar» e «comover» (como registava no prefácio da 2.ª edição de *Novos Contos da Montanha* [TORGA, M., 1988: 9]), contos de animais, histórias de “bichos com juízo”. Escreve os volumes d’*A Criação do Mundo* – obra que viria a definir como «crónica, romance, memorial e testamento» (TORGA, M., 1999d: 184 [*Diário XVI*]).

4. Essencialmente escreve e enobrece (como terra de Deus e de deuses) esse seu *Reino Maravilhoso de Trás-os-Montes*. Escreve o romance *Vindima*, aí denunciando aquele «Doiro atribulado, de classes, injustiças, suor e miséria» (TORGA, M., 2000b: 4). Relata o drama da vivência rural. Fala sobre literatura... mas fala também sobre política.

Na «gávea do futuro» (TORGA, M., 2007b: 302), reflete e escreve *Portugal*, esse «sonho redondo» que se tornou «Um palmo de amargura» (id.: 375), «esse livro de peito, [...] pátria vista e decifrada pelos olhos do corpo e da alma» (TORGA, M., 1999d: 237 [*Diário XV*]); nessa «gávea do futuro/ Mais alta ainda do que no passado» (TORGA, M., 2007b: 302),

procura revitalizar (sentindo visceralmente um amor não correspondido) aquele Portugal «tão pobre e tão atormentado» (TORGA, M., 1999b: 87 [*Diário V*]), aquele «Portugal com oito séculos de existência e que ainda não encontrou a sua identidade nacional» (TORGA, M., 1999c: 356 [*Diário XII*]); escreve sobre: o Minho – que considera «o mais belo pedaço de chão pátrio» (TORGA, M., 1986a: 26); Trás-os-Montes – esse «Reino Maravilhoso» marcado por um «ímpeto» primordial que, para ser visto, necessita «que os olhos não percam a virgindade original» (*id.*: 27, 199); o Doiro – «rio e região, [...] a realidade mais séria que temos» (*id.*: 46); o Porto – não o Porto erudito, burguês, literário, antes os seus «valores autênticos da vida» e as suas «festas do quotidiano» (*id.*: 50, 52); a Beira – que, com, com a sua «força telúrica», é um «refúgio amplo e seguro, onde não chega a poeira da pequenez nem o ar corrompido da podridão» (*id.*: 73, 83); Coimbra – a «Lusa Atenas», «centro espiritual, universitário, da pequena pátria lusa», «cheia de sentido nacional», mas, apesar de tudo, com uma «tradição parola» que lhe «colou [...] um rabo-leva atroz, carnavalesco e fútil» perpassada por um repetido «ópio sentimentalista» (*id.*: 85, 87, 89, 90); o litoral português; a Estremadura – «onde se eternizou o melhor do [...] génio» português (*id.*: 95); as Berlengas – «Aureoladas de cor» e simultaneamente «fantasmagóricas e reais» (*id.*: 103, 101); o Ribatejo – esse «mundo à parte dentro das [...] entranhas» pátrias, «grito de felicidade incontida no corpo da nação» (*id.*: 106, 110); Lisboa – a «bonita» Lisboa, mas pela qual a «nação não morre de amores», sendo esta paga com a «mesma moeda» (*id.*: 111, 115); o Alentejo – conivente com a «dignidade humana», marcado pelo «fôlego» e «extensão do alento», que tanto «deslumbra» Torga e pelo qual se sente «apaixonado», essa terra onde se encontra «a génese do que somos, o que temos de lusitanos, de latinos, de árabes e de cristãos», revelando com resiliência uma «inflexível determinação de conservar uma fisionomia inconfundível» (*id.*: 119, 123, 125, 127); o Algarve – verdadeira «miragem dum céu deste mundo», *locus* que desobriga Torga de qualquer tipo de «congeminação telúrica», e onde, «apagando» «a noite [...] todas as contradições», se sente «livre, aliviado a contente», como que «Hospedado numa bem-aventurança terrena» (*id.*: 131, 133, 134, 135); Sagres – «lugar dum sentido histórico perpetuado pela fatalidade da duração natural», «teimoso promontório de esperança» (*id.*: 137, 141).

5. Num texto sobre o positivismo e sobre a propaganda antirreligiosa, referiu-se Fernando Pessoa ao «vago misticismo» que caracteriza os portugueses; e continua, dizendo: «O português pode não ter necessidade

de crer, mas tem, sempre, de divagar e sonhar» (PESSOA, F., 1986a: 854). Estas palavras valem, fundamentalmente, por aquilo que insinuam: o sonho (logo, uma determinada *plenitude*) é encarado como uma das particularidades essenciais da alma portuguesa. E o mais importante não será tanto *o que* o sonhador vê; o importante é que o sonhador *vê*. Esse «Português hispânico» que é Miguel Torga – esse português que encaminha «a palavra à sua nudez essencial» e fala da e com a natureza, em consonância «cós mica» (CHORÃO, J. B., 1991: 14) – escreve, confessa, contesta, apela, sonha um sonho. Concretizar esse sonho é difícil, mas não impossível, a partir do momento em que ele se corporize como ponto de partida para imaginar que, de facto, se consegue atingir um determinado Ideal – ou, como Torga diz, «unir a realidade ao sonho» (TORGA, M., 1999a: 210 [*Diário III*]).

Aceitando como evidente o sentido pragmático desse desejo – como um rio em que, afinal, como escreve no poema “Destino”, o «sonho [...] avoluma o corpo da nascente» (2007b: 91) [*Diário VII*] –, rapidamente nele ressoa aquele sonho que considera igualmente fonte de um triunfo desejado (apesar de tantos e tantos desenganos e plangente amargura com que se foi deparando na sua vida). Torga sonha um sonho como possibilidade para (pela imaginação literária) cada sujeito, cada leitor seu (porque a ele Torga confia as suas “confissões”) se poder aproximar de um plano mais substancial. No seu «castelo do Sonho» (TORGA, M., 2007a: 102), Torga figurou «desmedidos [...] sonhos» (TORGA, M., 2007b: 477), confessa-o em 10 de dezembro de 1993, cerca de treze meses antes de falecer, no poema “Requiem por Mim” (in *Diário XVI*). Trata-se do mesmo poeta de quem «a raiz do Sonho» nunca se ausentou (TORGA, M., 2007a: 146) [poema “Parábola”, in *Diário II*], do poeta que, «como artista», sempre “cifrou” «todo o [...] [seu] sonho na revelação fiel da alma do povo de onde [...] [saiu]» (TORGA, M., 1999a: 180 [*Diário II*])... o mesmo poeta que pretendeu «legar o sonho como fermento futuro» (TORGA, M., 1999b: 186 [*Diário VI*]), mas que também denunciou hipocrisias e imperfeições humanas. No «casulo do [...] [seu] sonho» (TORGA, M., 2007a: 151), Torga sonha um sonho, um sonho liberto das teias sociais, onde cada sujeito, cada leitor, consegue concretizar todos os seus objetivos; escreve-o no poema expressivamente intitulado “Missão”, que integra o *Diário IX* (o sujeito poético mostra-se um «atrevido», que passa a «fronteira do sonho proibido», erguendo a sua «voz de sonhador» [TORGA, M., 2007b: 350]), e no *Diário III*, recorrendo a uma imagem que tem tanto de metafórico como de referencial, ao lembrar que é nas «muralhas» dos «velhos castelos nacionais [...] que se vê bem o sonho que é preciso ter para criar uma obra» (TORGA, M., 1999a: 204 [*Diário III*]).

Porém, esse sonhador, de exceção, que foi de facto Torga foi igualmente incompreendido por alguns que o rodearam. Ele, que sempre defendeu que, «[...] sem um sonho a encher-nos o vazio da noite da vida», não conseguiremos «amanhecer contentes de nós» (TORGA, M., 1999d: 361 [*Diário XVI*]), não terá sido totalmente compreendido por todos a quem procurou mostrar soluções:

[...] fiz o que pude. Fui até onde o fôlego e as circunstâncias permitiram. Nem poupei as energias, nem esqueci as obrigações morais que me vinculavam à comunidade, nem temi as consequências do meu inconformismo, nem menti em nenhum verso. Aconteceu, porém, que o sonho era maior do que o sonhador. E ficou dele apenas o precário testemunho da ânsia de o merecer (TORGA, M., 1999d: 276 [*Diário XV*] [Ponta Delgada, 9 de junho de 1989]).

Miguel Torga, um «médico» e um «artista» que «teimam em coexistir numa mesma pessoa» (REIS, C., 1981: 5), procura a seu modo aperfeiçoar a vida, escrevendo, sonhando e constantemente desejando um ideal estético, literário, humano. E, ainda que adotando como pátria devota São Martinho de Anta, escreve a totalidade da *sua* terra pátria no amplo registo da arte escrita: nela mostra aquele seu «agudo desejo de decifrar o enigma, de captar o sentido do homem» (BELCHIOR, M. L., 1987: 22); nela mostra o seu desejo de melhor conhecer a condição humana, as suas alegrias, mas sobretudo as suas incorreções e a sua humanidade («O homem é, ao cabo e ao resto, um animal. Sofra pois como um animal, e não como deus» [TORGA, M., 1999a: 298 (*Diário IV*)]).

Já de forma basilar no registo poético procura igualmente pressentir a tristeza primordial do Homem, cantando nesse registo o seu *eu*, explorando-o «como um possesso» (TORGA, M., 1992: 10), buscando-se, qual «Orfeu rebelde», no mais profundo do seu «próprio abismo» – esse abismo que, apesar de tudo, o «seduz» e onde, como que «descendo aos infernos», se «embriaga» «a caminhar sem luz» (*id.*: 16) –, tentando, em primeira e última instâncias, justificar: que a morte também tem a sua razão – não a morte física, mas uma outra morte (a «demanda de paz» [BELCHIOR, M. L., 1987: 22]); que, pela poesia – que Torga considera acrescentar beleza objetiva à vida e por onde, em postura órfica, se revela poeta independente de escolas, antes comprometido com o estético e o humano e o telúrico, nas suas três dimensões («o português, o ibérico e o universal» [LINHARES FILHO, J., 1987: 14]) –, se recuperam realidades essenciais; que, em si, a vida não se basta, como no «Livro de Horas», d'*O Outro Livro de Job*, o sujeito poético acaba por admitir:

Aqui, diante de mim,
eu, pecador, me confesso
de ser assim como sou.
[...]
Me confesso de ser Homem.
De ser um anjo caído
do tal céu que Deus governa;
de ser um monstro saído
do buraco mais fundo da caverna.

Me confesso de ser eu (TORGA, M., 1986b: 83 e 85).

6. Neste contexto, e não esquecendo de sublinhar a sedução (porque também mais cómoda), mas também os riscos implicados no registo biográfico, ler Miguel Torga é conhecer também um pouco Adolfo Correia da Rocha, a sua vida de escritor... e caçador.

Porém, ler Miguel Torga é bem mais do que isso: é aprender que esta nossa terra é uma terra que nos canta e encanta com as suas memórias e tradições; é de igual modo aprender que esta nossa terra é também uma terra de heróis, que Portugal (o espaço ibérico, para sermos mais justos com Torga) é um espaço de figuras míticas/mitificadas que funcionam como agregadores de uma comunidade, constituindo um verdadeiro núcleo duro da constituição da identidade portuguesa (ou ibérica). Daí que, como acontece nos *Poemas Ibéricos*, as recupere e as reanime, acionando-as (também) através do discurso literário – como que comprometendo-as com a convivência tácita de uma mitificação concentrada nas suas qualidades literárias, humanas e/ou feitos históricos, no exemplo das ações ou das virtudes de que se impregna o seu legado, ou, ainda, na tradição oral. Enlaça-as um elemento comum: a qualidade de figuras de atributos sublimados, (de)mo(n)strados no palco essencialmente histórico, literário e artístico: Viriato – «Pastor de ovelhas, simples criatura/ A pintar de infinito a sua tela» (TORGA, M., 1965: 33); Nun'Álvares – pelejador «Por outro Reino e por outro Rei» (*id.*: 38); Infante D. Henrique – «inspirado», «espírito audaz» e «Guia de todos os descobrimentos» (*id.*: 39); Bartolomeu Dias – o «predestinado» (*id.*: 43); Vasco da Gama – «persistente», determinando, ele próprio, o destino (*id.*: 44); D. Sebastião – encontrando «a escuridão no sol ardente» (*id.*: 58); Fernão de Magalhães – afinal, «Fernão de Magalhães da Ibéria toda» (*id.*: 45); Afonso de Albuquerque – em quem, juntamente com Deus, «o império tem raízes» (*id.*: 47); Camões – «Poeta dum império que era louco» (*id.*: 54); Cervantes – o «génio» (*id.*: 59); Padre António Vieira – «Misto de

gênio, mago e aventureiro» (*id.*: 60); Goya – «Homem oposto aos homens/ Que o não souberam ser» (*id.*: 61); Alexandre Herculano – o “grande” (*id.*: 62); Miguel de Unamuno – que «Fazia pombas brancas de papel/ Que voavam da Ibéria ao fim do mundo» (*id.*: 63); García Lorca – «irmão» e «Indomável cigano», mostrando a eternidade nos luminosos «acenos da verdade» (*id.*: 68); Picasso – soltando «os bisontes da imaginação» (*id.*: 66); Fernando Pessoa – «Poeta da Poesia» (*id.*: 67).

Como quer que seja, e porque estamos conscientes de que é cada vez mais difícil ser totalmente novo no terreno torguiano, nunca será por demais relembrar o encantamento que o seu percurso literário nos proporciona, nas inúmeras viagens (literárias, físicas, imaginárias, aquém e além-mar) que, Torga peregrino, sempre nos ofereceu, mas também, não o esqueçamos, o fulgor da sua faceta crítica de um regime político sombrio – nunca descurando a forma como observa «a realidade circundante, com a probidade crítica que a independência e o construtivismo consentem» (LEÃO, I. P., 2005: 17). Se Torga revela o bem-querer e a bondade com que frequentemente convida o leitor a entrar no seu mundo literário, não o faz tão-pouco sem que, direta ou indiretamente, repreenda de forma feroz a hipocrisia, a arrogância, o oportunismo, a incompetência, o egoísmo, a avidez, convidando de certo modo o leitor a participar enquanto cidadão e julgando negativamente tudo o que lhe retire o valor essencial de «humanismo», de «verdade», de «liberdade» e de «justiça», verdadeiro «leitmotiv» do seu *Diário* (*ibid.*). Aquando de uma visita a Covadonga – espaço asturiano e simbólico, pelo facto de se situar perto da montanha onde os cristãos da Hispânia venceram uma batalha contra os mouros, sendo por isso encarado como o *locus* onde se verificou o início da Reconquista Cristã da Península Ibérica –, aquando dessa visita, dizíamos, Miguel Torga acaba por firmemente revelar a sua posição crítica e rebelde contra qualquer atitude tirânica:

Torno a pisar, com a emoção da primeira vez, este reduto ibérico da insubmissão e da esperança, e junto honradamente à soma do que senti então e sinto agora, num preito que talvez simbolize outros preitos, a gratidão permanente de quem, desde que dura o fascismo peninsular, aqui mandou diariamente o espírito em peregrinação retemperar as energias da resistência.

Sim, há também santuários miraculosos da rebeldia. Sítios sagrados, onde a máscara rugosa da natureza é o rosto severo da própria liberdade (TORGA, M., 1999c: 71 [*Diário IX*]).

Entretanto, para que possamos continuar a perceber este escritor, e português de excelência, impõe-se continuar a lê-lo e a entendê-lo. E se é certo que, durante quase 88 anos tantas vezes Mestre Torga conviveu com a

desfortuna nas redondezas de um desassossego e de uma resignação que lhe disputavam continuamente o corpo e a alma, tantas vezes pedindo licença do Destino para questionar a verdade sobre as razões da desventura da sua *Terra*, não menos certo é a circunstância de ter variavelmente reconhecido que essa verdade se ia esquivando às suas perguntas, deixando no ar, porém, a ideia de que a adversidade é apenas um sucesso adiado.

7. É (também) por isso que pensar a obra literária de Miguel Torga é acreditar que a relação entre passado e futuro, entre sonho e realidade, entre indivíduo e coletividade, se traduz, afinal, na afirmação de um escritor que, com uma extraordinária *vitalidade* interior, *representa*, implícita e explicitamente, a identidade de um povo: «Escrevo para que me leiam» (TORGA, M., 1999d: 196), escreve no *Diário XIV*; e em diversos momentos confessava aos amigos: “Quem me quiser conhecer que me leia, mas que me entenda”. Ora, o bom senso que rege tal compromisso está, afinal, sempre conosco; só depende de nós, todos, leitores de Miguel Torga, corporizar esse compromisso – encontrando-se esse compromisso emoldurado pelos pressupostos de que sobre cada leitor impende um trabalho de ação, pelo extraordinário grau de *lucidez* com que o poeta sempre mostrou. Ainda que num outro contexto, referiu-se Octavio Paz a essa específica *lucidez*, quando disse que a poesia revela a nossa «condição original, porque por ela o homem [...] se nomeia outro» (PAZ, O., 1982, p. 217). Promove, assim, o autor d’*O Arco e a Lira* (também) a libertação alteronímica nos que com a poesia dialogam, já que é nesse diálogo que se encontram processos construtivos – de quem a escreve e de quem a lê. O mesmo é dizer que o amplo, e heteróclito, Texto torguiano traz consigo um *Cântico*, um apelo para alterar sensibilidades, um chamamento para que nos acrescentemos enquanto leitores e enquanto sujeitos integrados numa coletividade. Não é, afinal, uma das finalidades basilares da literatura a possibilidade de tomarmos consciência de que por ela nos permitimos aceder mais imediatamente à presença íntima da nossa essência primordial, a nossa identidade? Ora, é justamente por fazermos todos parte de um coletivo, assim como de um contexto cultural, histórico, literário e social que naturalmente a todos diversamente marca, que esse *acrescentamento* individual deve acontecer, desde que saibamos cumprir, com vigor, a imperativa união entre o coletivo e o individual.

O mesmo é dizer, em conclusão, que à relação entre o indivíduo e o coletivo, entre o *eu* e os *outros*, deverá presidir uma complementaridade dinâmica e laboriosa por parte dos dois lados; ou, como escreve Miguel Torga num texto que dedica ao Porto (integrado no livro *Portugal*, publicado em

1950), numa reveladora passagem sobre os tempos de «anemia moral» que então corriam em Portugal:

Os grandes sentimentos são como as grandes alturas: chamam demais por nós. Obrigam-nos a uma tensão contínua, ilimitada, que só se mantém à custa de maceração e luta (TORGA, M., 1986a: 57).

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA ATIVA

- TORGA, Miguel (1934). *A Terceira Voz*. Coimbra: Edição do Autor.
- TORGA, Miguel (1965). *Poemas Ibéricos*. Coimbra: Coimbra Editora.
- TORGA, Miguel (1977). *Odes*. 4.^a ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- TORGA, Miguel (1986a). *Portugal*. 5.^a ed. Coimbra: Edição do Autor.
- TORGA, Miguel (1986b). *O Outro Livro de Job*. 5.^a ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- TORGA, Miguel (1988). *Novos Contos da Montanha*. 14.^a Ed. Coimbra: Edição do Autor.
- TORGA, Miguel (1990). *Bichos*. 18.^a ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- TORGA, Miguel (1992). *Orfeu Rebelde*. 3.^a ed. Coimbra: Coimbra Editora.
- TORGA, Miguel (1999a). *Diário*. Vols. I a IV. 5.^a ed. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (1999b). *Diário*. Vols. V a VIII. 5.^a ed. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (1999c). *Diário*. Vols. IX a XII. 5.^a ed. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (1999d). *Diário*. Vols. XIII a XVI. 5.^a ed. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (2000a). *A Criação do Mundo*. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (2000b). *Vindima*. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (2007a). *Miguel Torga – Poesia Completa*. V.1. Lisboa: Dom Quixote.
- TORGA, Miguel (2007b). *Miguel Torga – Poesia Completa*. V.2. Lisboa: Dom Quixote.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- BELCHIOR, Maria de Lourdes (1987). Uma leitura do *Diário*. *Colóquio Letras*, 98, julho, pp. 22-24

- BUESCU, Helena Carvalhão (1994). Da expressão à tensão: o fundamento agónico em Miguel Torga. *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, pp. 91-96.
- CHORÃO, João Bigotte (1995). O monodílogo de Torga. *Colóquio Letras*, 135/136, janeiro, pp. 13-18.
- FAGUNDES, Francisco Cota [Org.] (1997). “Sou um homem de granito”: Miguel Torga e o seu compromisso. Lisboa: Edições Salamandra.
- Jornal de letras, artes e ideias* (1981). Dossier sobre Torga. Ano 1, N.º 2, 17 a 30 de março. (pdf)
- LEÃO, Isabel Ponce de (2005). *A Obrigação, a Devoção e a Maceração (O Diário de Miguel Torga)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LEÃO, Isabel Ponce de (2007). *O essencial sobre Miguel Torga*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LINHARES FILHO, José (1987). O poético como humanização em Miguel Torga. *Colóquio/Letras*, 98, julho, pp. 13-18.
- LOURENÇO, Eduardo (1955). *O desespero humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*. Coimbra: Coimbra Editora
- MONTEIRO, Maria da Assunção Morais (2011). “O universal é o local sem paredes” (Miguel Torga), nos 25 anos do Departamento de Letras. *Metamorfoses. 25 anos do Departamento de Letras, Artes e Comunicação*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Centro de Estudos em Letras, pp. 269-288.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1978). Poética e poesia no *Diário* de Miguel Torga. *Colóquio Letras*, 43, maio, pp. 7-19.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1987). Saudação a Miguel Torga. *Colóquio/Letras*, 98, julho, pp. 9-12.
- PAZ, Octavio (1982). *O Arco e a Lira*. 2.^a Ed. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1978). Os mitos clássicos em Miguel Torga. *Colóquio Letras*. 43, maio, pp. 20-32.
- PESSOA, Fernando (1986). *Obras de Fernando Pessoa*. Vol. III. Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros. Porto: Lello & Irmão Editores.
- REIS, Carlos (1981). Torga e a perenidade da escrita. *Jornal de letras, artes e ideias*. Ano 1, N.º 2, 17 a 30 de março, p. 5.
- ROCHA, Clara (1977). *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Livraria Almedina.